ATA - TRIBUNA LIVRE

Aos dez dias do mês de novembro de dois mil e quinze reuniu-se no Plenário Vereador César Augusto Leoni, o Poder Legislativo Municipal da Lapa sob a Presidência interina do Vereador Élio Narlok Wesolowski, Secretariado pelos Vereadores João Carlos Leonardi Filho e Dirceu Rodrigues Ferreira, presentes os Vereadores: Fenelon Bueno Moreira, João Renato Leal Afonso, Mário Jorge Padilha Santos, Vilmar Favaro Purga e Wilmar José Horning. **O Presidente Élio Narlok Wesolowski** convidou o senhor Júlio Gonchorosky do Instituto Semeia para fazer uso da palavra, onde esta é uma apresentação prévia e haverá outra apresentação a ser feita com o Executivo Municipal e com o Conselho Consultivo do Parque do Monge. É a primeira vez que está vendo um trabalho profissional a ser desenvolvido no Parque, por isso é importante saber o que está acontecendo e independente da vontade das pessoas o Governo do Estado vai dar andamento a esse processo, por isso é importante acompanhar e sugerir melhorias para depois não chorarem lá na frente como já estão chorando hoje. Então a partir de hoje não se deve falar mais do passado do Parque do Monge e sim do futuro, e sobre o dinheiro da madeira em que cansaram de gritar aqui, nenhum Promotor de Justiça do Paraná quis pegar a causa, e agora vão passar adiante para ver o que realmente querem para o Parque do Monge e não cansarão de exigir o que os governos vem prometendo. **Com a palavra o senhor Júlio Gonchorosky** disse que chama-se Júlio Gonchorosky e trabalhou mais de trinta anos entre Ibama e ICM-Bio, sempre com conservação e parques nacionais com visitação, mas agora saiu do Governo, e agradece pelo convite para fazer essa pequena apresentação da proposta para o Parque do Monge. Na verdade a mais ou menos um mês atrás houve uma reunião do Conselho Consultivo do Parque onde começaram a discussão com a comunidade, sobre uma parte do que o Governo do Estado lançou como Parques do Paraná, que são dezessete parques estaduais que vão participar e receber algum tipo de investimento seja plano de manejo, estrutura, acesso ou condições para visitação, dos quais o Governo escolheu quatro parques para ter um trabalho especial e mais intenso que é o Parque do Monge, Vila Velha, Ilha do Mel e Guartelá na cidade de Tibagi. Quatro parques vão ser trabalhados com o objetivo de criar PP's ou então concessões. É parte de uma equipe que está fazendo um trabalho através do Instituto Semeia, e vão participar da primeira etapa desse trabalho que é fazer os estudos, avaliar o plano de manejo, de visitação da unidade, fazer um plano de negócios, estudos de viabilidade econômica enfim, uma série de estudos técnicos para que esse projeto seja apresentado ao Governo do Estado e ele leve a consulta de empresas, objetivando haver um contrato de concessão exclusivamente do uso público que seria a visitação, as atividades de recreação, as trilhas e todas as atividades que puder haver dentro do parque estadual. A ideia através do Instituto Semeia é ouvir a comunidade e hoje isso aqui é parte desse processo, não é o Instituto que vai decidir o que vai estar no projeto, isso já vem do plano de manejo, das discussões anteriores e de vários momentos de ouvir a comunidade, esse é um deles e os próximos serão no final ou começo do mês de dezembro onde haverá uma reunião pública, ai sim apresentando tudo aquilo que o Instituto Semeia observou e vai entregar ao Estado. Todos esses estudos que não são baratos nos quatro parques é uma doação do Instituto Semeia, o Governo do Estado não está pagando nada para o Instituto realizar esse trabalho, e o Semeia também não participa das licitações, ou seja, se houver um contrato ou licitação o Instituto Semeia e seus técnicos envolvidos no projeto não participam de maneira nenhuma como

futuros concessionários dessa área. A pedido do Vereador Élio Narlok Wesolowski, não vai discutir o que vai acontecer exatamente no Monge porque o que se quer é ouvir propostas das pessoas, o trabalho ainda está sendo feito e tudo o que falar aqui nesse momento pode ser apenas ideias técnicas próprias ou inferências, e somente no final do mês poderão ter ideia daquilo que foi compilado, então é muito mais importante ouvir das pessoas. O que o Vereador Élio Narlok Wesolowski pediu ainda naquela reunião há um mês atrás do Conselho e depois na semana passada quando tiveram a oportunidade, é mostrar quais são as opções e quais são as experiências no mundo de terceirização de serviços e de uso público nos parques. A empresa que vier a ganhar essa licitação não vai gerir o parque, o mesmo continua do IAP e do Estado, por isso muitas vezes as pessoas falam em privatização, mas não é privatização. Privatização é aquilo que aconteceu com a Telepar onde todo o patrimônio público, prédio, equipamentos, veículos e funcionários passaram a uma empresa, aquilo é privatização. E isso aqui é terceirização, apenas para tratar do que tem de turismo, ecoturismo, visitação e uso público no parque. Então a ideia é mostrar um pouco da história da visitação, do uso público no parque e de todas as atividades que existem em vários parques no Brasil e no mundo. Sobre visitação, o primeiro parque nacional do mundo é o Parque de Yellowstone, nos Estados Unidos fundado em 1872 e tem mais de um milhão de hectares quase na divisa com o Canadá, e antes de ser parque já tinha visitação nessa área. As Cataratas do Iguaçu numa foto de 1933, já era visitado e em 1939 o parque foi criado, ou seja, seis anos antes ou muito mais do que isso porque em 1918 Santos Dumont já esteve no Iguaçu e pediu para criar um parque. Um dos parques mais icônicos do Paraná é o Marumbi, tem uma foto da década de trinta e quarenta em que já tinha pessoas fazendo escaladas no Marumbi, o qual é um dos berços do alpinismo e escalada no Brasil. Então muitas vezes a visitação acontece antes de se criar um parque, tem cinquenta e cinco anos e lembra quando era criança com seis ou sete anos que vinha nas grutas do Monge e não era parque, e os lugares são usados pela população ou por pessoas de fora muito antes dos governos virem e criarem algo. Dentro desses parques pode ter um monte de coisas com infinitas ideias, o Hotel das Cataratas hoje tem duzentos e sessenta lugares com diárias de quatrocentos dólares, um hotel de luxo dentro do parque, algumas pessoas querem isso, de se hospedar em lugares como esse ou as vezes querem apenas ter acesso a um riacho de água limpa, praia virgem, etc, apenas para tocar no lugar. Na opinião do Semeia a visitação e uso público pode acontecer em qualquer lugar, numa pontinha de pedra as pessoas podem fazer uma tirolesa ou escalada, então na grande maioria do mundo os parques são usados e bem usados. A filosofia do Semeia é que só se tiver pessoas locais da comunidade, visitantes, turistas brasileiros e estrangeiros usando é que vai ter conservação, pessoas visitando desde que bem orientadas com trilhas sinalizadas não é problema para a conservação. Problema para a conservação é madeireiro, palmiteiro, caçador e todos os outros problemas que já conhecem. Em todos os projetos que já fizeram esportes na natureza é prioridade, porque em geral os praticantes dessas atividades tendem a ser pessoas mais conscientes e parceiras dos parques. A escalada tem o problema do magnésio que as vezes suja e mancha as rochas ou tem algumas bromélias entre outras, mas isso pode se resolver desde que tenha vias bem sinalizadas. Quanto ao lixo do visitante, o concessionário é responsável pelo recolhimento assim como a sinalização e orientação. Hoje se for ao Parque do Iguaçu ou da Tijuca no Rio de Janeiro vai se ver muito pouco lixo nas trilhas e não é só porque a empresa funciona fazendo isso, é porque quanto menos lixo tiver nas ruas ou nas trilhas as pessoas acabam ficando inibidas de sujar mais. A

grande discussão ou resolução é que infraestrutura vai ter lá, vai ser o que for adequado e necessário, adequado dado o tamanho da visitação, aonde se quer chegar, o que se quer fazer e o que é necessário para bem atender e orientar essas pessoas. Alguns parques do mundo tem limites, se alguém quiser fazer um rafting e descer de barco aquele rio do Grand Canyon tem que esperar dois anos na fila pra poder ter uma vaga, e esperar dois anos vale muito dinheiro porque evidentemente é muito mais caro. É sempre essa história em relação a concessões, um tentando engolir e estrangular o outro, então a visitação, o turismo e a conservação foram sempre entendidas como posição, e é isso um pouco que o Instituto quer quebrar. Irão entregar um documento ao Governo do Estado que vai avaliar tecnicamente através da Secretaria de Meio Ambiente e Secretaria de Planejamento por meio do IAP e vai avaliar se vale a pena fazer uma licitação, vai chamar empresas que darão a opinião, poderão sugerir voo livre a partir do Monge, e se o IAP achar interessante pode incluir isso no projeto. Existe uma série de tipos de contratos que pode ter entre a empresa que entrar e o Governo do Estado para administrar a visitação, tanto que ai não está a privatização, e privatização como já explicou, não se aplica a isso, pode ter a autorização que é uma coisa mais simples, por exemplo, fazer um evento esportivo de uma corrida saindo de cima do Monge vindo até a cidade e voltando, são dez quilômetros, isso é só uma autorização. Para ter permanentemente um pequeno quiosque, como o exemplo em que o Vereador levou de uma senhora que vende pipoca lá como ambulante nos dias de pico, isso é uma permissão para ela poder atuar. Concessão talvez é o mais provável que haja aqui, e é quando se tem contratos geralmente de longa duração de quinze a vinte anos para uma empresa explorar desde que ela faça investimentos, os quais estão baseados em estudos de viabilidade econômica e plano de negócios. A parceria pública e privada é quando os governos aplicam numa empresa um determinado valor para que ela faça um serviço, isso está sendo muito usado em hospitais ao longo do Brasil alguns com muito sucesso como em Salvador e São Paulo, mas esses contratos estão acima de vinte milhões em torno de até trinta e cinco anos de trabalho. O que estão fazendo agora e que vai levar esses contratos é a PMI- Procedimento de Manifestação de Interesse, é feito o primeiro estudo e as empresas dizem se tem interesse ou não de trabalhar nisso e fazem propostas para melhorar o edital, e tudo isso depende de muito estudo, planejamentos e propostas, tem as obras que já foram feitas com investimentos do IAP que em geral estão muito boas apenas a trilha principal da Pedra Partida teria que ser concluída. Mas trouxe alguns exemplos aqui de erros até mesmo de pessoas mais experientes e com os melhores projetos, esses erros acabam acontecendo. Tem um exemplo do lado de uma Universidade do Colorado, nos Estados Unidos, uma das mais importantes nessa área de turismo e visitação acessório aos serviços de parques e florestal, nessa cidade se criou um parque municipal com um estacionamento principal, no meio tem um banheiro e a direita uma grande área para piquenique depois dá pra ver que começa as trilhas num vale vermelho, e depois de funcionando mesmo com uma grande Universidade trabalhando ali, se descobriu que ali era uma área de nidificação de uma espécie onde animais vinham de dez milhas ou seja dezesseis quilômetros de distância para se reproduzirem ali durante a primavera, outono, inverno e primavera que era uma época também de muito uso dessas trilhas, simplesmente esses animais eram cascavéis, então onde foi construída a principal infraestrutura do parque e estudado por uma boa Universidade aconteceu isso, e pode acontecer isso já que se trata de uma área privada. No Parque do Iguaçu foi feita toda a estruturação do elevador, vários níveis de mirante e cometeram um erro crasso nas instalações, transformaram os mirantes em escada

para as crianças, o que era para ser o equipamento mais importante de segurança virou o grande risco para os visitantes. Isso acontece e muitas coisas provavelmente vão acontecer no Monge, vão ter problemas e erros que serão consertados em parcerias até mesmo com os usuários que podem indicar a melhor maneira. Pra fazer isso custa dinheiro, vão chamar uma empresa e dizer que ela tem que vir aqui investir, fazer isso e contratar pessoas, normalmente a indicação do Instituto é que pelo menos de sessenta, setenta ou oitenta por cento, dependendo do lugar, sejam de pessoas da comunidade e geralmente acontece isso, não porque as empresas são boazinhas, mas é melhor ter um funcionário que mora perto do que trazer alguém de longe para trabalhar. Os estudos de viabilidade econômica levam muitos parâmetros a ver para se tomar duas decisões, quanto que as pessoas vão remunerar o Estado por explorar e quanto que é o tempo de concessão, a coisa mais importante é o tempo de concessão porque quanto mais tempo mais chance de ganhar e acontecer. Fizeram um estudo real para o Parque de Fernando de Noronha e se o contrato fosse de dez anos o concessionário teria cinquenta e sete por cento de chance de ter prejuízo, se o contrato fosse por vinte anos teria 0,02 de chances de ter prejuízo, a opção foi o contrato de quinze anos aonde assim mesmo tem dois por cento de chances de não ter lucros. Isso não quer dizer que basta o cara sentar que vai ganhar dinheiro, é claro que ele tem que trabalhar muito, investir, correr atrás e fazer o que for necessário para atingir os números. E tem algumas coisas que acontecem no mundo, nem tudo ou nada disso vai acontecer aqui, mas coisas que são usadas para receber visitantes trazem muito lucro aos serviços de parque e a comunidade. Na Nova Zelândia no alto das montanhas leva dois dias de caminhada para chegar até em cima e pode ter no máximo trinta pessoas, dez barracas com três, e as pessoas vão, caminham horas e horas para chegar num lago e ficar durante três dias porque entendem que é um lugar muito restrito para visitação, para conseguir uma vaga pra acampar durante uma semana são de dois a três anos de fila, tem outros passeios que são permitidos como de helicóptero que levam as pessoas a um pico com neve e as deixam vinte minutos sozinhos no pico de uma montanha para sentir como é estar no alto de uma montanha num lugar preservado, nem todo mundo consegue escalar essas montanhas, mas tem a chance de estar lá pagando bem. Existem “n” atividades que se pode ter envolvendo a comunidade e os concessionários dos mais diferentes tamanhos. Nos Estados Unidos tem o Portal do Iamestrong que coloca bem qual é a visão dos americanos em relação aos parques, isso é para o benefício e usufruto das pessoas, eles usavam pra caça e “n” coisas, e permitem muitas atividades como passeio de transatlântico e fiordes, mas sempre permeado por informação e educação ambiental. Tem um parque na Califórnia onde um menino ficou hipnotizado com uma aula de educação ambiental sobre ilhas com um mergulhador que permite estar debaixo d’água mostrando os bichos e as plantas daquela ilha. Então todos os lugares e parques primam pela visitação, e é isso que entende que deva ocorrer. Tem lugares como a Estátua da Liberdade que não é um parque nacional e sim um monumento gerido pelos serviços de parques. Não quer dizer que os americanos ou neozelandeses sejam melhores ou piores do que os brasileiros, muito pelo contrário tem coisas muito ruins e chatas, mas em relação aos parques eles utilizam e tem a consciência que só com a visitação e uso público isso funciona e com terceirizados, porque nenhum governo por mais rico que seja consegue ter funcionários e pessoas suficientes pra tocar tudo isso. Tem uma placa na entrada das montanhas rochosas, e tem que ter informação e educação, as vezes está se entrando numa área protegida e é de responsabilidade do visitante conhecer e obedecer os regulamentos de um parque, é claro que lá dentro tem todas

as informações, mas as pessoas precisam saber que aquilo é um parque e conhecer as regras independente se tem um guarda ou não lá dentro. O Parque da Tijuca, no Rio de Janeiro, tem o Hotel das Paineiras que estava abandonado há mais de cinquenta anos, na verdade desde 1970 quando a Seleção se concentrou lá, ou seja, a quarenta e tantos anos, esse Hotel estava abandonado e foi feito todo um processo de revitalização e está sendo construída uma obra não mais como um hotel porque não é um bom negócio devido a insegurança do Rio de Janeiro, para se chegar de carro ao Cristo tem que passar por duas favelas complicadas, mas esse projeto está em andamento e em mais três anos vai ter uma grande estrutura de estacionamento, centro de convenções e lojas ao lado do Cristo Redentor. Outro projeto interessante foi o de Fernando de Noronha onde até cinco anos atrás ao chegar lá havia péssimos estacionamentos sem infraestrutura, os carros estacionavam em cima de raízes de árvores, era um impacto enorme, pra ir para Noronha não sai por menos de três mil reais para se passar três dias, ai foi feito um projeto para ter passarelas, estacionamentos, trilhas e locais de serviços para atender as pessoas e somente com uma concessionária puderam ter efetivamente uma estrutura melhor. E aqui entra um pouco a comunidade se fez o contrato e a proposta, a primeira coisa colocada no contrato foi que o concessionário só pode começar a cobrar o ingresso depois que quarenta por cento ou mais da obra esteja concluída, isso não é muito fácil porque a empresa chega e começa a cobrar o ingresso, a ganhar dinheiro e vai postergando os investimentos. E isso dá dinheiro não apenas para o concessionário ou para o Estado e Governo, segundo um estudo disponível na internet feito por várias instituições a respeito de uma unidade de conservação em quanto que ela pode gerar para as comunidades em torno dela, esse estudo faz uma equação muito simples não para dar o valor exato, mas para quantificar um pouco do que pode ser deixado, é o número de visitantes por uma média de gastos, essa média dada se a visitação é de um dia só, se é mais de um dia, o tamanho da cidade e quais são os serviços disponíveis aos visitantes. No Parque do Iguaçu tem um milhão e seiscentos mil visitantes com uma média de cento e quarenta e cinco reais, esse é um valor conservador, e o Parque gera para Foz do Iguaçu e Porto Iguaçu algo como trezentos milhões de reais por ano. Em Vila Velha que tem sessenta mil visitantes e como ninguém se hospeda, o passeio é mais de um dia ida e volta, pode gerar ou gera dois milhões e trezentos mil reais. O Parque do Monge que chegou a ter trinta mil visitantes, diferente de Vila Velha em que as pessoas têm aonde almoçar, pode gerar para a economia da cidade pelo menos um milhão e oitocentos mil reais, é muito pouco. E na verdade o melhor do Parque do Monge é ter a Lapa ao lado onde se associa o passeio junto com o circuito histórico da cidade e com a gastronomia, isso pode atrair nos finais de semana um número enorme de curitibanos para passar o dia aqui. O primeiro objetivo desse projeto é trazer pessoas nos finais de semana e feriados para passar o dia e durante a semana trazer escolares para ter aula de história, geografia e geologia. O segundo passo é trazer essas pessoas que já vem e ao invés de ficar um dia que passem o fim de semana, isso pode gerar muita economia. A Ilha do Mel já é um pouco diferente, tem mais gente e grande parte das pessoas dormem lá seja numa pousada de luxo ou em campings, então gera para a comunidade da Ilha do Mel algo próximo a nove milhões e meio de reais e o Guartelá pode gerar em torno de dois milhões e trezentos, isso entra na economia sem as pessoas verem, porque é alguém que come um salgadinho, alguém que abastece o carro ou lancha em algum lugar, e quanto mais tempo conseguir fazer com que as pessoas fiquem é melhor. Existem outras coisas extremamente importantes que tratam da imagem institucional que as pessoas vão levar da visita na cidade.

Tem que ter escalada e salto de asa, e a grande pergunta pra daqui algumas semanas quando voltarem aqui pra conversar, até o Governo lançar o edital e até sair a licitação, a Câmara de Vereadores não poderia ter melhor representação e a própria sociedade e Prefeitura, de dar opinião do que querem. Naquelas trilhas onde tem a madeira que o Vereador tanto se refere, é perfeito para fazer caminhada, corrida, bicicleta, etc. Na reunião teve uma manifestação muito contundente de uma das pessoas do Conselho ao dizer que era morador daqui, que há anos vem no parque e o sentimento que tem é que o parque não lhe pertence mais, isso foi extremamente chocante porque é exatamente o oposto do que deve ser, primeiro o parque é da Lapa antes de ser parque estadual ou qualquer coisa, é obvio que as pessoas da Lapa não devem pagar para usufruir do Parque ou seja o que for. E cabe a todos equacionar, será que dá para passear com o cachorro lá, provavelmente não, mas para que o Estado tenha moral tem que tirar todos os vira-latas que invadiram aquela área. Tem que se buscar o ganha-ganha e não o perde-perde, algumas coisas o Governo, o IAP e o manejo do parque vão ter que ceder em outras as pessoas que faziam vão ter que ceder, mas a ideia é usar o parque plenamente, especialmente quem mora aqui, os visitantes vai ser uma consequência do bom uso e da conservação disso. **Foi feita a apresentação de slides por meio eletrônico, os quais serão anexados na presenta ata.** Encerradas as projeções eletrônicas, o senhor Júlio Gonchorosky ficou a disposição para o esclarecimento de dúvidas. **Com a palavra o Presidente Élio Narlok Wesolowski** disse que é importante ressaltar que o Instituto Semeia é um órgão voluntário parceiro do Governo do Estado, ele não recebe, assim como o senhor Júlio já falou, então isso já é uma boa coisa porque é alguém que está vindo aqui tentar ajudar, pois o IAP era taxativo e nada podia, não podia escalar por causa dos ninhos de andorinhas, então se não pode fazer nada que fechem o parque, porque não pode nem caminhar nas trilhas que também tem buraco de tatu, pelo jeito não querem que as pessoas frequentem o parque. E a ideia do Instituto Semeia é o desenvolvimento sustentável, a visitação e o aproveitamento do parque plenamente, mas de acordo com algumas regras. Gostaria de fazer algumas perguntas, pois estão começando a fazer um projeto de viabilidade econômica para o parque e apresentar ao Estado para fazer a licitação, e como se deve fazer para os lapeanos mandarem ideias ao Instituto, como se dará o prazo de confecção desse projeto e como se dará o feitio desse projeto nesse prazo. No parque do Iguaçu os moradores de Foz do Iguaçu pagam dez por cento do valor da entrada e os turistas cem por cento, e talvez estejam dispostos a pagar alguma coisa e ter alguma regalia e infraestrutura maior, se for dez reais a entrada talvez pagar um real, isso deve ser discutido lá na frente, mas ficou feliz quando o senhor Júlio falou que lapeano não deveria pagar, porque muitos parentes de lapeanos virão e o próprio lapeano acabará sendo o guia turístico desse turista no parque do Monge. Tem algumas frases que já ouviu bastante, do grande potencial do turismo de aventura do Monge, este Vereador até fez o TCC da Faculdade sobre isso cujo tema foi “O Desenvolvimento do Turismo de Aventura do Parque Estadual do Monge”, em dois mil e cinco, então são duas frases que se ouve muito na Lapa, que “*a Lapa tem um grande potencial turístico e no Parque do Monge dá pra fazer muita coisa*”, não quer ficar com cinquenta ou sessenta anos de idade ouvindo sempre a mesma frase, e se não tiverem o apoio de alguém que possa ajudar nunca irão sair dessa frase, porque o Governo do Estado vai abandonar como já está abandonando o Parque do Monge, eles não tem estrutura para manter um Guardião lá, a qual está muito mal feita, foi feito até um relatório de quarenta páginas e enviado ao Ministério Público sobre a questão das obras do Parque do Monge, as passarelas

eles soldaram e não galvanizaram, vai apodrecer justamente a parte que já está apodrecendo. E também a incoerência no Parque do Monge é muito grande, como já foi falado, o cachorro pode entrar sem o ser humano, com o ser humano não pode entrar. Quem vai de carro pode ir até o posto dos guardas, mas quem vai de bicicleta tem que deixar na guarita, então são várias incoerências, por isso é necessário o apoio de uma instituição como o Semeia pra ver o que pode ser feito e também tem que levar em consideração que pode ser que não seja viável, talvez ninguém queira investir no Parque do Monge e qual será o plano “B” do Governo do Estado caso isso aconteça. **Em resposta o senhor Júlio** disse que, nessa reunião do final do mês provavelmente vai se abrir eletronicamente um e-mail para as contribuições gerais e oficiais da população, evidentemente que os órgãos públicos podem fazer isso a qualquer momento por ofício a Sema ou ao IAP para contribuições. Mas a partir dessa apresentação que irão fazer na última semana de novembro e primeira de dezembro, vai se abrir um leque mais amplo e público para o processo. Os prazos, pensando no ideal é que até dezembro o Semeia entregue os estudos econômicos e que em janeiro e fevereiro o Governo abra uma janela para que as empresas interessadas possam apresentar propostas, para que provavelmente julho, agosto ou setembro do ano que vem seja aberta a licitação, e aí sim até o final do ano que vem teria uma empresa contratada para gerir o Parque, suponha-se que esses vão ser os tempos. Isenção de ingresso tem que ter, no parque Iguaçu trabalhou durante oito anos na implantação do parque em todo o trabalho da concessão, primeiro começaram dizendo que o morador de Foz, nem é de Foz, são quatorze cidades que tem essa redução de ingresso e teriam que entrar com o título de eleitor para provar que a pessoa é dali e está cumprindo o seu papel cível, aí começou uma história que iriam se candidatar a algum cargo eletivo, e agora vale identidade, comprovante de endereço da Telepar, Copel, seja qual for o meio, até carteirinha de clube vale no caso de Foz do Iguaçu, mas não é isso que vai fazer a diferença se o concessionário vai ganhar dinheiro ou não, e se está se dando uma isenção para os moradores da cidade é exatamente o oposto, o que quer é ter a simpatia de quem tem o encargo de preservar, com todo respeito ao IAP e Ibama, mas se o Monge ou o Iguaçu ainda valem ser um parque é muito pelas pessoas que moram ao redor do que a própria ação dos governos pelas dificuldades, então vale até figurinha e carteirinha do clube para essas pessoas. Tem uma chateação, hoje evoluiu e quem é cadastrado no Parque Iguaçu só coloca a digital e paga, a incomodação é que no começo a pessoa vai ter que se cadastrar, vai ter uma filinha, mas vale a pena principalmente para os usuários, pra quem gosta de correr o Monge é ótimo para essas ações. Sobre as empresas terem interesse, trabalhou uns dez ou doze estudos de viabilidade econômica, e acredita que o Monge é um bom negócio para uma pequena empresa, talvez até tenha empresas na cidade que tenham a capacidade de concorrer, e a quarenta e cinco minutos ou cinquenta minutos no máximo de Curitiba no final de semana, tem aqui uma hotelaria, restaurantes e uma série de coisas pra atrair fácil as pessoas para virem pra cá, mesmo com todos os problemas das obras no Parque os investimentos também não são tão significativos a serem feitos. Então acredita-se que o Monge é um parque que tem um apelo econômico bom para empresas de diferentes tamanhos. Tudo depende do investimento e do retorno que precisa ter, por exemplo, em Fernando de Noronha foi uma empresa só para todas as atividades, mas tem contratos com empresas de mergulho e passeios de barcos separados. No Parque do Iguaçu tem dois contratos, um para estacionamento, transporte e cobrança de ingressos e outro para restaurantes e infraestrutura que são os dois contratos grandes e o passeio de barco do Macuco, o passeio de trilha e de helicóptero são

contratos separados, então varia nesse sentido, pode ter um grande pacote de uma coisa específica ou contratos menores, a tendência do Monge é ser um contrato só, mas também a tendência dos concessionários é de alguma maneira subcontratar ou quarteirizar, como as vezes usam, atividades específicas, não está dizendo que é isso que vai acontecer mas por exemplo se a atividade de escalada é permitida então é muito melhor ter uma empresa parceira que faça a escalada do que trabalhar tudo pra ter isso. Normalmente os contratos dizem que vai fazer a cobrança de ingresso, infraestrutura (bar, restaurante, lanchonete) e outras atividades, normalmente se diz que a atividade principal não pode ser terceirizada e as atividades secundárias pode subcontratar no tempo certo. **Com a palavra o Vereador Fenelon Bueno Moreira** disse que, primeiramente gostaria de parabenizar o Vereador Élio pela iniciativa em convidar o senhor Júlio para vir aqui dar uma luz de uma coisa que tanto vem sendo brigado que é o Parque do Monge. Em contrapartida gostaria de dizer que a partir desse momento este Vereador sai daqui tranquilo em relação ao Parque do Monge porque uma vez terceirizado de fato vai sair do papel, porque infelizmente o Estado do Paraná hoje pela precariedade e pela situação socioeconômica que apresenta não tem condições de fazer um serviço de qualidade e da população usufruir de um bom serviço, portanto, particularmente, este Vereador não é contra e concorda até em pagar uma quantia menor do que aquelas pessoas que vem de fora, mas que seja utilizado um serviço com qualidade no Município. **Com a palavra o Vereador João Renato Leal Afonso** disse que, não vai dar aqui o veredito se é a favor ou contra porque é uma coisa do Estado, mas quando viu o senhor Júlio falando, ficou analisando todas as vezes em que participaram desde o início daquela negociação para fazer a revitalização do Parque do Monge, este Vereador ocupava o cargo de Presidente da Câmara e na época montaram uma Comissão para acompanhar esses trabalhos. E quando eles vieram apresentar, e alguém que desminta este Vereador se estiver falando mentira, falaram que era a nona maravilha do mundo o Parque do Monge, começou o processo e levaram as madeiras, e vai usar um termo aqui com o risco de até ser punido criminalmente, “roubaram nossas madeiras”, num montante na época na ordem de três milhões e meio de reais, pouco ou bastante, mas eram três milhões e meio de reais que de acordo com a Lei deveria ser aplicado na mesma reserva ambiental. Começou-se uma pressão popular e vieram aqui na Câmara Municipal depois de diversas pressões e este Vereador ainda disse naquela ocasião que eles estavam mexendo com aquilo que era de mais sagrado para o povo lapeano porque era um ponto de encontro das pessoas e um receptivo de turismo religioso através do São João Maria de Agostinho, prova disso é o número de visitantes que tinha lá. Falaram que iriam fazer isso e aquilo na primeira etapa, e tão logo terminassem iriam fazer a segunda etapa que é no receptivo de ônibus, na parte baixa onde vai ter as lanchonetes, porque havia um apelo e uma pressão popular dos comerciantes lá de cima. Levaram a madeira e aplicaram o dinheiro numa reforma, e não está questionando se é certo ou errado porque isso é dever da Assembleia Legislativa e do Ministério Público que lavou a mão. E agora estão falando de vender o Parque do Monge, com todo respeito ao senhor Júlio, mas estão vendendo o Parque do Monge, e quem quer pagar um real para entrar no Parque do Monge, quem quer pedir permissão para um terceiro e pagar pra usar o papel, será que alguém quer isso, é essa a pergunta que tem que ser feita. Quando o senhor Júlio disse que “*não é a cobrança dos lapeanos que vai fazer a diferença e não é interesse de cobrar dos lapeanos*”, isso lembra lá em dois mil e dois com a Caminhos do Paraná quando o senhor Terbai falou isso, de que não tinham interesse de cobrar de lapeano, e hoje tenham o pedágio mais caro do

Brasil. Vai usar o termo venda porque privatização é venda, e a partir do momento que uma empresa terceirizada assumir nesse mundo capitalista, ai sim o menino que disse “que sente que o parque não é nosso”, ele vai ter certeza que o parque não é nosso. Está dizendo isso para registro histórico, não é este Vereador que vai dizer para fazer ou não, mas se envergonha de estar discutindo isso aqui mais uma vez e se entristece mais uma vez de estarem discutindo sobre o Parque do Monge depois de terem roubado a madeira e investirem aquele rio de dinheiro e agora estão falando em dar o que é mais sagrado para os lapeanos a uma empresa terceirizada. Tomara que o trabalho do senhor Júlio seja efetivo e que os lapeanos tenham a oportunidade de fazer mais algumas considerações, porque se esse edital sair amanhã e depois de amanhã a empresa do Adão ganhar, se preparem porque no outro dia as pessoas vão ter que pagar para entrar no Parque do Monge. Então é preciso tratar o Parque do Monge de forma muito séria, e as pessoas que cuidam efetivamente do parque estão proibidos hoje de entrar lá e não esperem que depois vai ser permitido, se for permitido vão ter que pagar. A pergunta que tenham que responder é se querem pagar para entrar no Parque do Monge, para depois tocar o processo. A sugestão é esperar o Vereador Presidente Arthur voltar e a Câmara Municipal convocar uma audiência pública para ver se a população quer isso, pois tenham o poder de se movimentar e cercear esse fato se assim for interessante, o que não podem é comprar gato por lebre. Essa é a opinião deste Vereador. **Com a palavra o senhor Júlio** disse que, gostaria de fazer um comentário sobre a colocação do Vereador João Renato, o qual está certo nas preocupações nessa coisa de pagar ou não, mas isso tem que estar no contrato desde o início da brincadeira, e quando uma empresa for pegar o edital pra ler e ver se vale a pena concorrer, é saber que o lapeano ou definir quais as pessoas que não pagam, e realmente se isso não estiver bem claro desde o início no mínimo suscita dúvidas, possibilidades, então isso é algo que deve estar desde o início no contrato a ser feito. Conseguiu-se isso em vários lugares, no parque do Iguaçu conseguiu-se esses dez por cento, no Rio de Janeiro estão conseguindo instalar isso que é mais complexo ainda, em Noronha e em outros parques se conseguiu fazer isso. Mas o Vereador João Renato tem razão na preocupação que tem de ser cobrado e estar bem claro desde o início no edital, que assim é o desejo e nada mais justo que isso seja veemente cobrado. Quanto aos critérios na verdade foi pego esses dezessete parques e se fez uma série de ideias de potencialidades, porque o que o Semeia quer é que essas coisas aconteçam, esses critérios são a distância de grandes centros emissores, no caso de Curitiba, a visitação atual ou que já chegou a ter, a infraestrutura que já tinham e alguma infraestrutura do IAP porque mesmo sendo pouca tem alguns funcionários do IAP ou grupo da Policia Ambiental que já trabalha ali, então foram feitos alguns critérios aumentando a potencialidade, também estão trabalhando com várias equipes na parte técnica, na social, econômica e este nada mais do que aquilo que chamavam de atores, que são as pessoas envolvidas e com o interesse de tentar conversar para receber algumas informações, pelo menos as coisas colocadas aqui já vai colocar na possibilidade de subcontratar e da preocupação do ingresso. Tem visto as preocupações, mas acima de tudo que as pessoas comecem a pensar para poder contribuir, e tem bastante gente. O Semeia é uma instituição que vem de uma família de São Paulo evidentemente de pessoas bem, que tem várias empresas e um grupo de investimentos muito forte, e eles colocam alguns milhões de reais por ano no Semeia para desenvolver essas ações. Além daqui já se trabalhou em Minas, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Tocantins, e a ideia é que se tenha cada vez mais visitantes. Já viu algumas análises e tudo o que tem de escalada, rapel e trilhas, foi

colocado ao IAP como potencialidades, no dia vinte e três vai ter um Seminário interno no IAP mostrando todos esses trabalhos avaliados e mais os que vão haver de contribuições depois, mas os esportes de aventura em geral estão em todos os parques por exemplo em Vila Velha tem a ideia de trabalho com balão, apesar do vento que tem lá não se sabe aonde iria parar o balão, mas tem essa ideia. Poderia haver o uso noturno, porque geralmente os parques não podem ser usados a noite, pois tem fauna de dia e de noite, então por que não usar faunas noturnas e usar a noite para fazer algum tipo de atividade. No parque da Golden Gate, em São Francisco, são vinte milhões de pessoas por ano que frequentam porque são os usuários da cidade de São Francisco que vão na Marina ou caminhar numa trilha, portanto o usuário local não deve pagar porque a presença dele é a maior presença de conservação, é o que vai ser mais crítico e ter mais atenção ao ver lixo e tudo mais. Pode parecer um pouco esnobe ou arrogante, mas foi a Fernando de Noronha mais de vinte e cinco vezes, mas das vinte e cinco, umas vinte e três foi a trabalho, então conhece todos os problemas de Fernando de Noronha, as pessoas que vão mais repetidamente acabam sendo mais críticas. Então a maior contribuição de um usuário local não é pagar e sim ser o grande crítico no bom sentido. O Parque do Monge, a mata, as pedras, as lapas, a pedra partida são bonitos, mas o grande apelo desse parque é o João Maria, o misticismo e a própria parte histórica que o Vereador estava colocando que durante o Cerco os canhões estavam lá em cima atirando contra a cidade, então não se pode vender para o turismo a Lapa apenas como um parque natural, tem que ter essa parte mística e histórica. Quando era criança o avô era João Maria por uma promessa da bisavó porque ele quase morreu quando nasceu, então até os dez anos de idade vinha todo ano a Lapa e lembra que tinha muita gente vindo. A melhor maneira de se vender o Parque do Monge é com a parte mística, histórica e natural junto com as atividades que pode ter. No Parque do Monge tem que ter um bom centro de visitantes para receber as pessoas pra contar a história, da importância dessa história, como aconteceu e por que está ali, se a história se perder vai ser apenas mais um morro como tantos outros. **Com a palavra o Presidente Élio Narlok Wesolowski** disse que, faz algumas considerações a respeito do que o Vereador João Renato falou, na verdade, particularmente, antes de ser Vereador já acompanhava o Conselho Gestor do Parque do Monge na época que era feito na escola Manoel Pedro e não se sente envergonhado e sim angustiado. O Vereador João Renato já o acompanhou por várias vezes até Curitiba, e se sentiria envergonhado se fosse um Deputado Estadual que pegasse votos no Município da Lapa e que não defendesse um parque estadual como é o Parque do Monge, com exceção da Deputada Rosane Ferreira que muito atendeu logo no início, inclusive participou até do protesto que fizeram em dois mil e nove e não se sabe se vieram outros Deputados Estaduais, mas como Vereador não pode se envergonhar, talvez exista uma angústia pela falta de futuro, e cada vez que fala do Parque do Monge tem que contar toda a história, por isso já fala que devem esquecer o dinheiro da madeira, ninguém vai recuperar mais. E se não fosse a Câmara de Vereadores e todas as pessoas que participaram dos protestos, nem as primeiras estruturas e algumas trilhas teriam sido feitas, e acreditava que iriam fazer o plano “B”. Se o Beto Richa falasse hoje que iria tornar o Parque do Monge numa referência no Estado, aí ganha outro Governador e fala que não tem compromisso nenhum com o Parque do Monge, pegou poucos votos e abandona o parque, e começam a brigar de novo para o próximo Governador fazer alguma coisa, então é um alto e baixo, não vai se resolver, o Governo do Estado não vai investir. Então que abandonem o parque e deixem como estava, porque já estava terceirizado, já existiam

terceirizações dentro do Parque do Monge o que é diferente de privatização, a Caminhos do Paraná também é uma concessão e não uma privatização, tem um prazo determinado, mas infelizmente foi muito mal feito e se não fosse forças estranhas poderiam ter derrubado a concessão. Mas se abandonarem o Parque do Monge, as pessoas que vão fazer rapel vão encontrar quem nas trilhas se não tiver uma segurança, seria um Morro do Boi de Guaratuba. Então é preciso pensar na segurança das pessoas que vão frequentar, ou querem que as pessoas se embriaguem enquanto famílias estão aproveitando a paisagem, por isso é preciso pensar o que querem para o Parque do Monge. Talvez a entrada seja gratuita para o lapeano, mas de repente para descer de uma tirolesa ou outra coisa, as pessoas vão ter que pagar uma porcentagem, e talvez essas pessoas que hoje fazem rapel sejam futuros instrutores e ganhem pra fazer isso, sendo até contratados por uma empresa. Não está aqui defendendo uma terceirização, apenas está colocando questionamentos pra ver o que vão fazer, é isso que precisam pensar para o futuro, porque se abandonarem do jeito que está, e tem pessoas hoje na Lapa que falam que o parque está abandonado já há dez anos, mas está melhor do que antes, o acesso está horrível, mas para quem vem de fora está bonito, e na verdade não está nada do jeito que o lapeano quer, chegando na Pedra Partida, é bonita mas o que dá pra fazer ou o que aconteceu lá, não tem nenhuma placa indicando quem era João Maria, apenas a paisagem é bonita. E este Vereador é a favor de construir um hotel cinco estrelas no Parque do Monge com uma piscina de pedra, querem apenas um parque o resto podem preservar, querem um parque para visitação e exploração turística para que os lapeanos possam trabalhar nesse hotel e o dinheiro fique aqui, podem multiplicar em quanto esse um milhão e oitocentos mil, quarenta e cinco reais é na panificadora Zeni, é no Casarão que hoje em dia se consome, é o posto de combustível, além do ISS que vai ser gerado com o Parque do Monge. Por isso tem que se discutir e tentar, por que falar que não vai dar certo, hoje a situação é que não podem entrar, mas abandonar o IAP não vai deixar que as pessoas entrem e vandalizem o parque, isso acredita que não vai acontecer. Não podem desistir do parque, e como Câmara Municipal vão continuar a lutar e a população tem que ajudar e estar junto no projeto e nas discussões, estarão ao lado do Semeia e querem saber de tudo o que está acontecendo para poderem fazer a pressão política, porque se não houver vontade política também não se faz nada. Encerrando a Sessão o Presidente Élio Narlok Wesolowski agradeceu a presença de todos e pediu para que acompanhem e divulguem esse estudo para que no futuro possam, quem sabe, tirar bons frutos e ter mais otimismo. Sendo o que tinha para constar, após lida e aprovada, será a presente ata por todos os Vereadores assinada.

Élio Narlok Wesolowski

João Carlos Leonardi Filho

Dirceu Rodrigues Ferreira

Fenelon Bueno Moreira

João Renato Leal Afonso

Mário Jorge Padilha Santos

Vilmar Favaro Purga

Wilmar José Horning